

O VIMARANENSE.

PERIODICO POLITICO E LITTERARIO.

Assignatura por anno 28400 — Semestre 18300 — Trimestre 720 — paga adiantada — Portes por mez 40 réis — Anuncios por linha 30 réis — repetidos 20 réis — Correspondencias por linha 30 réis — Folha avulso 30 réis. — Assigna-se, e vende-se unicamente no escriptorio da redacção, Terreiro de S. Francisco n.º 10, aonde tambem se recebem os annuncios e correspondencias, artigos e quaesquer outros escriptos, os quaes devem ser remettidos francos de porte, ao Editor-Responsavel deste Periodico, e devidamente reconhecidos por Tabellião, e sejam ou não publicados não serão restituídos. Publica-se este jornal todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo dia santificado.

GUIMARÃES 5 DE ABRIL.

CONHECIDO, pelos principios mais solidos e elementares da philosophia do direito, que o fim do homem, n'este mundo, (pois bem sabemos que os sãos principios da religião Christã ensinam e convencem, que o fim do homem não fica circunscripto a este mundo, mas o ultrapassa, e se estende á eternidade) é o maior desenvolvimento possivel das suas faculdades: conhecida está a necessidade d'associação.

Por isto reconhecido, pelos mesmos principios, que para o homem conseguir o seu fim lhe são indispensaveis objectos externos muito variados, de differentes qualidades e propriedades, e, que por uma permanencia regular, andem, pelos laços do direito, ligados a sua personalidade: reconhecida está igualmente a necessidade d'um governo que preste as garantias precisas aos direitos individuaes, que cada um dos membros da sociedade possui no meio d'ella.

O homem entregue a si só sem auxilio dos outros, nem pôde obter os meios, que o levem ao conseguimento do fim para que foi creado, nem tão pouco conservá-los; attendendo á sua fraqueza tanto phisica, como moral.

E' por estas rasões, que ninguem tem desconhecido a necessidade de se unir em sociedade sob um regimen comum, de donde resultão direitos e obrigações para todos

em geral e para cada um em particular: direitos e obrigações que contrahi e adquiriu pelo facto d'associação, alem dos que já possuia, e lhe andavam inherentes.

Dado já como certo e estabelecido o principio de que os homens se acham constituidos em associação, e esta com o seu chefe como elo principal na cadeia das autoridades estatuidas, necessarias e indispensaveis, para a dirigirem nos seus interesses, e segurança, estamos, portanto, já no campo raso, e descoberto de donde se avistão os direitos e obrigações, que cada um dos socios tem em relação aos seus governantes, e os destes em relação áquelles.

Eis as rasões da necessidade d'associação. Mas os direitos que d'ella dimanam? Fallando com applicação á nossa sociedade politica, muitos, e em bem claras regras, se acham formalizados na lei fundamental da nação Portugueza = a Carta Constitucional.

Porém posto que este seja o código conhecido, que mais garante os direitos, e a liberdade, seriam ephemerass estas garantias se outras internas não houvessem = a moralidade.

Seria impossivel, ainda aos homens de mais puras intenções, e que melhor tem concebido a lei fundamental, e estão convencidos dos principios d'ella, levar a garantia a toda a parte a todos, a todo o lugar, e em toda a occasião, e sempre que se precisasse d'ella, se a moralidade não andasse no coração dos povos.

Pois é ella uma das mais fortes garantias dos direitos; e por isso aquella que os governos devem fazer os maiores esforços por desenvolver e enraizar no coração dos cidadãos.

A moralidade anda sempre na rasão directa da prosperidade das nações.

Quando a desmoralisação progride em uma nação, caminha esta a passos de gigante para a sua aniquilação.

Porem hoje que nós temos, felizmente, por chefe do estado um Joven Rei, que com os mais bem fundados motivos, tem enchido d'esperanças o povo portuguez; e que está chamando ao seu lado, e para tomar as redeas do governo, homens dotados de puras intenções, e cheios de conhecimentos scientificos, e alguns até d'experiencias governativas teremos alguma cousa a recear? De certo não. Pois de cada vez nos cresce a esperança de que o talento Monarcha em breve se verá livre dos embaraços com que tem luctado para completar o ministerio com essas grandes capacidades patrioticas amantes da lei fundamental sem sophismas, nem superfluas e prejudiciaes alterações.

Já não são só boatos ou correspondencias particulares, que nos noticiam a feliz aproximação do momento em que ha-de principiar-se a estrada de Villa Nova de Famelicao a Guimarães. Essa satisfatoria no-

FOLHETIM.

RECORDAÇÕES DE COIMBRA.

(FRAGMENTO ORIGINAL).

(Continuado do n.º 39).

UMA curiosidade natural fez-me perscrutar aquella mulher. — Escutar; é uma pagina sublime que vos offereço. Filha de paes honestos e abastados, esta menina passára os dias da innocencia nos braços da mais doce consolação; por causas, que não convem dizer, o extremoso pai d'aquella linda menina é espancado por um infeliz, a quem coube por sorte..., a este espancamento succede a morte, e a innocente fica orfão de pai!

Mas, como a innocencia pouco sente, passára esta menina alguns annos na companhia de sua mãe, e esquecera a sua perda fatal. Seria feliz? Ides vel-o. Quando o flagello da cholera-morbis invadira a nossa terra em 34, fizera muitas victimas, e uma d'ellas foi a mãe da minha lie-

rona! Que desgraça! a menina fica completamente orfão juntamente com tres irmãs de tenrissima idade!

Contava já treze annos, estava môça. As suas aspirações eram nobres e sanctas. Deseja recolher-se ao collegio das orfas na Misericordia, e consegue-o de seus tutores. Aqui é estimada por todas as collegias; á sua viveza natural, á sua formosura, a sua candura de espirito, tudo lhe conquista a geral estimação.

Exacta no cumprimento de seus deveres, nunca é reprehendida, mas sim elogiada e apontada para modelo. Mas aquelle coração sensível propenso sempre para amar, ama, mas a satisfação d'esse amor é impossivel!

Que terrivel situação para uma mulher! Um cavalheiro honradissimo, antigo amigo da familia da menina coimbricense, conquistára sem o querer aquelle tenro coração; este homem era amado sem o saber, porque a menina por modestia e pejo nunca lho declarára por palavras; mas um simples olhar significava mais que mil protestos, muito mais. Mas conveniencias de familias obstavam á sua união matrimonial; e o cavalheiro torna-se indifferente a tanto amor!

Completando os quatorze annos propõe-se-lhe o casamento e indica-se-lhe um homem. A me-

nina nunca o conhecera, não o pôde amar, o coração só accita um amor! Que situação tão incomprehensivel!

A instancias dos tutores une-se a esse homem, que lhe fora indicado e para sempre! Desgraçada! lá vão as tuas esperanças! unistes-te a um homem, que nunca amaste e para sempre! Obrigaram-te a isto e tu tiveste a fraqueza de ceder. Consolate ao menos porque tens muitas companheiras na desgraça. Quantos paes barbaos e insensíveis obrigam as suas filhas a unirse por um laço indissolúvel a homens, a quem nunca viram e nunca amaram! E depois que vida desgraçada e infeliz! que martyrio continuo! Mas a nossa joven obedece aos decretos da Providencia, resigna-se com a vontade de Deus, e espera paciente os golpes adversos da fortuna. O homem é dissoluto, indifferente; e seu coração não sabia amar! Que contraste entre os dois conjuges! Que elementos heterogeneos! Uma menina de quatorze annos, formosa, sympathica, assaz viva e espirituosa, amiga das grandes rodas, com um homem indifferente, estava com o pé no abysmo! Cercada de adoradores, decantada pelos poetas da academia, a sua desgraça parece inevitavel. Mas não o foi; essa menina foi sempre salva, arrancada de abysmo, e a sua

auxilio da daguerreotypia ou da photographia, podemos colher á natureza as suas mais namoradas paizagens, as suas mais graciosas maravilhas e até, baldando o esplendor ao sol, revelar com toda precisão a forma e o numero das suas tachas! Hoje, com o socorro das vias ferreas, podemos acompanhar com o corpo quasi a rapidez do desejo, e cruzar, folgados, quasi em dias, o que nossos avós atravassavam molestados, em mezes! Hoje, com o invento da telegraphia electrica, podemos conversar com os nossos antipodas com a mesma brevidade, como se estivessemos na mesma praça, á sombra das mesmas arvores! Hoje, com a descoberta da luz electrica, podemos ligar ininterrompidamente o crepusculo á alvorada, supprimindo as trevas da noite! Hoje, com as applicações do vapor — e mas para que tentar o impossivel d'enumerar todos os enmeros prodigios que, diariamente, a remessa para o scio da sociedade esse gigante de ferro, fallando infatigavel por milhões de boccas, chamado — a imprensa?

Não, por certo; o seculo dezenove tem flores que ninguem ousará jámais contestar-lhe!

Mas a este esplendido brilhantismo do progredir material poder-se-ha equiparar o adiantamento moral da sociedade? — Eis o que, desgraçadamente somos constrangido a negar em vista dos factos reiterados, e o que ninguem se atreverá mesmo a querer affirmar. As estatisticas dos crimes exigem cada dia maior margem para as suas columnas e novas columnas para crimes que a antiguidade desconheceu, a boa fé definha no commercio como planta exotica, a caridade, consoladora e escondida, converte-se em philantropia involuntaria e alardeada, a crença religiosa acceta-se como convenção social, os laços de sangue tomam-se como cadeias incomportaveis e absurdas da natureza, a hypocrisia substitue a sinceridade e, finalmente, dizem alto e bom som, rasgando a mascara — « a propriedade é um roubo » — conscientes de que n'esse brado vai o moto que lhes póde ser divisa — « o roubo é uma propriedade. »

Não se creia que afeiamos caprichosa-

mente o quadro. Prouvera a Deus que assim fosse. — Melhor, muito melhor nos iria então.

Ora, ao acabamento d'este estado, em que a moralidade é uma palavra inutil, e que tanto e tão claramente vai começando a fazer recordar os annos sanguinolentos e crapulosos do imperio romano, e ao renascimento d'uma vida social mais perfeita e moralizada, devem applicar-se tenaz e cordealmente, com quantos esforços possiveis, todos os homens; — e sobre todos e mais que todos, sem se furtar a fadigas vigílias, e a provações as mais afflictivas, aquelle que é o sal da terra e a luz do mundo — o sacerdote christão. Com a palavra evangelica nos pulpitos, com as practicas religiosas ao semear a doutrina christã no animo das suas ovelhas, com o exemplo, conhecido e reconhecido, da paz e alegria domestica sob o tecto casto, com a caridade revelada pelos resultados, proclamada pelos pobres, mas escondida na origem, com a virtude em todas as suas accões, com a applicação em todos os seus trabalhos, com o trabalho em todos os seus dias, com os dias velados e gratos a Deus, em todas as suas horas deve contribuir o sacerdote para a moralisação da sociedade. Deve-o pela necessidade social, e deve-o, mais que tudo, pela obrigação do seu ministerio.

Não carecemos, não carece ninguem, por sabidissimo de todos, de embrenhar-se na historia para discortinar ou para ver claro o que tem sido o sacerdote christão nas novas sociedades. — Como a palavra lhes foi faeunda e convincente! como o exemplo lhes foi venerado e acolhido! Assistindo ainda, alguns, nos primeiros cinco seculos da nossa era, ás fascinações licenciosas, á corrupção infrene, á prostituição auctorizada do grande imperio, como as suas vestes atravessaram candidas esse tremedal ascoso de vícios! — A sua palavra é ainda modelo; o seu exemplo é ainda veneração. — Os Ignacios, os Bazilios, os Chrysostomos, os Cyprianos, os Jeronymos, os Athañazios ... para que, para que nomear, quem todos conhecemos e aalamos?

sem uma linguaagem tão baixa, e rude, e por mais que seimei não fui capaz de me lembrar de semelhante cousa, e mais sou do tempo dos francezes e não me escapa sermão, que aqui se pregue: fiquei por tanto entendendo, que o tal Facalhão dá a sua lanhada sem mais, nem menos, e sem graça alguma. Eu por mim, a tal respeito, só digo, que fui um dos ouvintes do novo orador o qual supposto me agradasse, com tudo não me acho habilitado a interpor o meu juizo acerca da sua estrêa no pulpito; porém tenho ouvido dizer a pessoas muito competentes, que o novo levita dá esperanças de ser bom orador, porque tem agradável presença, e uma boa e limada pronuncia, mas que precisa corrigir não pequenos defeitos na sua exposição, e semear bem mais flores nos seus discursos. Não é isto porém d'admirar, porque foi a primeira vez, que subiu áquelle logar, e estou certo, que o tempo, e o estudo hão-de trazer, o que lhe falta para ser um bom orador, como espero, e desejo que o seja.

Agora quanto aos outros oradores, que cá temos, não serei eu o perito, que sare as feridas, que lhe fez o Facalhão: em primeiro logar por que não tenho arte nem engenho para isso: em segundo, não são ellas moraes, mas de ligeiro incommodo, porque a mão, que tentou feril-os tão injustamente deu em falso na sua bem estabelecida reputação, e por isso limitar-me-hei a dar ao Facalhão um conselho, e é, que aprenda

Dê-se-nos, pois, que fechamos a historia para só nos occuparmos com os tempos que correm.

Hoje, que nos aperta cerradamente a necessidade, e que urge o remedio salutar, prompto, efficaç. Colocado no meio da sociedade, que reflecte as accões do individuo, o sacerdote christão tem de ser norma das accões albeias, por isso que d'elle, primeiro que de ninguem, deve e ha sempre de partir esse remedio.

No campo, sobretudo, aonde a instrucção em todos os seus cambiantes vai atrazadissima, é que a influencia moral do clero se apresenta mais sinsivel e a cada momento mais supplicada. O camponez, curvado todo dia sobre a terra que fertilisa com o suor do rosto, sem tempo para lér, sem estudo para saber lér, modela-se pelas palavras e, ainda mais, pelas obras do sacerdote, que ás noites, nos longos e conversados serões, são repetidas e reveladas e commentadas. Alli o padre é um como cathecismo vivo de leitura quotidiana.

Nas cidades populosas, porém, a sua influencia é bem menor, ou é nulla quando o pulpito adormece solitario; — porque o pulpito é a unica voz da igreja no nosso paiz. O homem das cidades não tem serões occiosos e vazios, embora os tenha, e muitos infelizmente, polluidos, immorales, e culposos. O commerciante, alquebrado dos negócios do dia, vela as noites no *Razão* ou no *Diario*; o industrial, atordoado com o ruido da lançadeira ou da maquina a vapor, não tem ouvidos para palavras; e o nobre, ou o burguez nobilitado pela pujança dos suados cabedaes de seus maiores, enerva-se nas molezas das adamsadas alfombras, ou gasta-se nos prazeres ruidosos das salas. As noites para estes não são leitura e meditação, senão folgares pomposos. E o padre, ou não apparece alli, ou vai para lá com os vestidos salpicados da lama atirada pelo rodar dos coches ostentosos. Alli, nos salões magnificientissimos, aonde as sedas e o ouro rojam dos tectos apainelados ao pavimento de brunido acajú, e as danças lascivas, e as mulheres seductoras, e os perfumes euebriantes, e os cristaes cen-

com os estranhos a fazer justiça aos seus patrios.

De resto apraz-me o artigo do Facalhão, porque além de mostrar summa erudicção, mostra ao auctor summa facilidade em escrever, o que é um grande titulo de gloria para a nossa terra que além de ter oradores de tanta nomeada, que rivalisam com os Damazos, e S. Damascos, com os Bossuets e Massillons, tem tambem litteratos, que escrevem com a facilidade dos Larmartines.

Se v. senhor redactor, tiver a bondade de inserir estas poucas linhas no ultimo cantinho do seu jornal muito obsequiará, a quem não é,

Nem Canivete nem Facalhão.

NOTICIA

Guimarães 3 d'Abril de 1857.